

Revista **a** EVOLUÇÃO

Ano II - nº 18 - Jul./2021 - ISSN 2675-2573

ISSN 2675-2573

LUCIANE DA SILVA PRADO

Um olhar além do laudo.



POIESIS

Catarina Maul

Isac dos Santos Pereira

Manuel Francisco Neto

DESTAQUES

A EDUCAÇÃO E A DESIGUALDADE SOCIOEDUCATIVA EM TEMPOS DE PANDEMIA
Profª. Dra. Joseneide dos Santos Gomes



A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS E AS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS DA PRIMEIRA INFÂNCIA
Profª. Pamela Cristina Alvares Araujo



A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

www.primeiraevolucao.com.br



Revista **EVOLUÇÃO**

Ano II - nº 18 de Julho de 2021 - ISSN 2675-2573

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima

Manuel Francisco Neto (Angola)

Vilma Maria da Silva

Organização:

Vilma Maria da Silva

Manuel Francisco Neto

AUTORES(AS)

Adriana Santos Ramos

Carla Ferraz

Cinthia Caroline Gomes Lima de Oliveira

Débora Miriam Bezerra de Andrade

Faustino Moma Tchipesse

Fernanda Xavier Fontana Oliveira

Gisele Aparecida Padilha Vilela

Joseneide dos Santos Gomes

Luiz Ricardo Fueta

Marcela Knablen de Souza

Maria Aparecida da Silva Rocha

Miriam Ferreira

Natali Ricarte Cardoso

Neiva Luiza Martins de Oliveira

Silvia Harue Yogui

Pamela Cristina Alvares Araujo

Paulo Cordeiro Leite

Rosinalva de Souza Lemes

Sileusa Soares da Silva

A

São Paulo
2021

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Denise Mak
Manuel Francisco Neto (Angola)
Patrícia Tanganelli Lara
Thaís Thomas Bovo
Veneranda Rocha de Carvalho

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adeílson Batista Lins
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Profa. Me. Ivete Irene dos Santos
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo
Profa. Me. Veneranda Rocha de Carvalho

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado
Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. (11) 98031-7887
Whatsapp: (11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com
<https://primeiraevolucao.com.br>
São Paulo-SP - Brasil

Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.

Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião do Conselho Editorial.

Filiada à:



Publicada por:

Edições **Livro Alternativo**

A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

É totalmente financiada por professoras e professores, e distribuída gratuitamente.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

PRINCÍPIOS:

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – n. 18 (jul. 2021). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2021.

142 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

ISSN 2675-2573 (on-line)

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.18>

ÍNDICE

05 APRESENTAÇÃO

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto

07 HOMENAGEM

Luciane da Silva Prado

COLUNAS

10 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac dos Santos Pereira

133 POIESIS

Catarina Maul, Isac dos Santos Pereira, Manuel Francisco Neto.



ARTIGOS

* Destaque

1. REFLETINDO A PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL Adriana Santos Ramos	13
2. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA Carla Ferraz	17
3. ARTE, EDUCAÇÃO E CRIATIVIDADE Cinthia Caroline Gomes Lima de Oliveira	23
4. LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL Débora Miriam Bezerra de Andrade	31
5. ORIENTAÇÃO VOCACIONAL: UMA PERSPECTIVA PEDAGÓGICA PARA O DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO DOS ALUNOS DO II CICLO DO ENSINO SECUNDÁRIO EM LUANDA Faustino Moma Tchipesse	35
6. PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA EDUCAÇÃO INFANTIL Fernanda Xavier Fontana Oliveira	47
7. OS CONHECIMENTOS E OS JOGOS MATEMÁTICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL Gisele Aparecida Padilha Vilela	55
★ 8. EDUCAÇÃO E A DESIGUALDADE SOCIOEDUCATIVA EM TEMPOS DE PANDEMIA Joseneide dos Santos Gomes	59
9. AS LINGUAGENS ARTÍSTICAS NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM Luiz Ricardo Fuenta	67
10. A INCLUSÃO E A DISLEXIA NA EDUCAÇÃO Marcela Knablen de Souza	73
11. AS BRINCADEIRAS E INTERAÇÕES, CONSIDERANDO OS ESPAÇOS FÍSICOS DOS CEIS Maria Aparecida Da Silva Rocha	77
12. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM SALA DE AULA PARA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) Miriam Ferreira	85
13. EDUCAÇÃO INCLUSIVA: O AUTISMO NO CONTEXTO ESCOLAR Natali Ricarte Cardoso	89
14. UMA VISÃO REFLEXIVA PARA AS ARTES VISUAIS Neiva Luiza Martins de Oliveira	97
★ 15. A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS E AS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS DA PRIMEIRA INFÂNCIA Pamela Cristina Alvares Araujo	101
16. ATRIBUIÇÕES DE DISCIPLINAS A PROFESSORES NÃO ESPECIALIZADOS NAS ÁREAS A LECIONAR: IMPLICAÇÕES NAS PRÁTICAS DE ENSINO EM SALA DE AULA Paulo Cordeiro Leite	109
17. AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DA SOCIEDADE ATUAL Rosinalva de Souza Lemes	115
18. O LETRAMENTO E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA Sileusa Soares da Silva	119
19. BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL E O DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR Sílvia Harue Yogui	125
20. A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL Vilma Maximiano Vieira	133

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM SALA DE AULA PARA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

MIRIAM FERREIRA

RESUMO: Nossa pesquisa é sobre: “Refletindo práticas pedagógicas em sala de aula para alunos da EJA nos dias atuais na cidade de São Paulo”, porque vimos a necessidade de se trabalhar com atividades pertinentes e apropriadas para esse público, e a importância de não infantilizar as tarefas aplicadas e de ter atividades que ofereçam desafios e crescimentos para seus alunos para que eles tenham motivação e interesse de terminar seus estudos. Capacitando-nos em nossa prática cotidiana, trabalhando de uma forma interdisciplinar as diferentes áreas do conhecimento, com referencial teórico e foco em especial na alfabetização inicial e na alfabetização matemática da educação de jovens e adultos. Nossa pesquisa estará embasada com referenciais metodológicos pesquisa empírica e bibliográfica.

Palavras-chave: EJA. Alfabetização. Motivação. Capacitação. Reflexão e ação.

INTRODUÇÃO

Vimos que a importância de se investir na EJA no Brasil, está primeiramente ligada ao reconhecimento desses indivíduos como sujeitos de direitos universais, que por causa de situações de desigualdades, teve seu acesso à Educação negada no passado e ainda é impedido no presente. A EJA (Educação de Jovens e Adultos) vem com uma proposta de “Ensino Fundamental obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria”, ajudando a combater o ciclo da pobreza, e diminuindo os altos índices do analfabetismo no Brasil.

Escolhemos esse tema, pois entendemos que como professoras, precisamos conhecer quem são os nossos alunos, e termos estratégias que possam suprir as necessidades dos alunos no processo de ensino – aprendizagem.

Capacitando-nos em nossa prática cotidiana, trabalhando de uma forma interdisciplinar as diferentes áreas do conhecimento, com referencial teórico e foco em especial na alfabetização inicial e na alfabetização matemática com foco na educação de Jovens e adultos.

Nossa temática nos ensina a indicarmos atividades pertinentes e apropriadas para esse público, estimulando a nossa prática da reflexão, de forma a tornar o educando o componente principal na construção de seu aprendizado. Ajudará nos como professoras a formar alunos, capazes de buscar informações em fontes variadas e utilizar a escrita como forma de expressão/comunicação em contextos diferenciados (informações, avisos, bilhetes, cartas, registro de atividades, mensagens, relatórios, contos, poesia, etc.), e a importância de não infantilizar as tarefas aplicadas e de ter atividades que ofereçam desafios e crescimentos para seus alunos para que eles tenham motivação e interesse de terminar seus estudos.

O HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

A história da educação de jovens e adultos no Brasil é uma inovação para a Educação, mesmo que venha se dando desde a época do Brasil Colônia. As iniciativas no sentido de oferecer educação para os jovens e adultos são recentes. No Brasil Colônia, a educação para jovens e adultos era apenas de educação para a doutrinação religiosa, visando somente um caráter religioso do que educacional.

No período do Brasil Império, tivemos algumas grandes transformações educacionais que priorizavam as necessidades de acabar com o analfabetismo.

No ano de 1876, é realizado um relatório, feito pelo ministro José Bento da Cunha Figueiredo, relatando a existência de 200 mil alunos assíduos nas salas de aulas.

Em 1940, por ser detectado um alto índice de analfabetismo no país, houve uma decisão do governo para se criar um fundo para a alfabetização da população de jovens e adultos analfabetos.

Em 1945 cria-se a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura).

Em 1947, foi lançada a 1ª Campanha de Educação de Adultos.

Eram feitas várias críticas quanto ao método de alfabetização para a população adulta, como péssimas condições de funcionamento das aulas, a baixa assiduidade e qualidade no aproveitamento dos alunos, salários baixos para os professores, e falta de qualificação dos profissionais e um material de má qualidade.

Paulo Freire sugeria que existisse uma interação maior entre o educador e o educando, e mudanças nos métodos usados. (AUTOR, PÁGINA, ANO)

Nas décadas de 50 e 60 começaram a ter mudanças em favor da educação popular. Paulo Freire se tornou a referência para educação de jovens e adultos

Trazendo mudanças na forma de se pensar, principalmente levando em conta a realidade em que os educandos vivem.

Em 1963, Freire é encarregado de organizar e desenvolver um Programa Nacional de Alfabetização de Adultos. Porém, em 1964, com o Golpe Militar, deu-se uma ruptura nesse trabalho de alfabetização, já que a conscientização proposta por Freire passou a ser vista como ameaça à ordem instalada.

Acontece então o exílio de Paulo Freire e começa o início de programas de voltados para alfabetização de jovens e adultos. Em 1967, o Governo controlava alfabetização de adultos com a criação do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), para a população de jovens e adultos visando à alfabetização funcional – aquisição de técnicas elementares de leitura, escrita e cálculo.

Nos anos 80, surgiram vários projetos de pós-alfabetização no qual vieram propondo um avanço nas operações matemáticas básicas e na linguagem escrita. O MOBRAL foi extinto em 1985 surgindo a Fundação EDUCAR. A década de 80 foi marcada pelas pesquisas efetuadas em torno da alfabetização de adultos.

Com a promulgação da Constituição de 1988, ficou como dever do Estado garantir ensino fundamental obrigatório e gratuito a todos.

Em 1990, a EJA se fortaleceu internacionalmente através da UNESCO, criada pela ONU no sentido de cidadania e formação cultural. Após todo esse crescimento foram criados os Fóruns Estaduais da EJA, que está cada vez maior e presente em todos os estados brasileiros.

A missão desses Fóruns era de que cada Estado realizasse encontros para identificarem objetivos e ações da EJA, desde então os Fóruns têm sido constantes.

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9334/96 propôs, em seu artigo 3o, a igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola, o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, a garantia de padrão de qualidade, a valorização da experiência extraescolar e a vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais. A nova lei possui apenas três artigos, porém é considerada uma grande aquisição na área.

Na década de 90 o governo incumbiu os municípios de ficarem com a responsabilidade da política nacional retirando-se desse papel. Com isso surgem várias parcerias entre os municípios e Universidades/ ONGs.

Quando o MEC deixa essa responsabilidade de política nacional para a EJA, surgem os Fóruns com estratégias mobilizadoras das instituições envolvidas com a EJA. Entre 1999 e 2000 os Fóruns tornam-se presentes nas audiências do Conselho Nacional de Educação discutindo os currículos da EJA. Os Fóruns se tornaram tão importantes e presentes que a Secretaria da Erradicação do Analfabetismo criou uma Comissão Nacional de Alfabetização e pediu uma representação dos Fóruns. Desde então os Fóruns têm sido os interlocutores da EJA nacionalmente, ajudando e aprofundando o tema EJA no Brasil.

O Brasil firmou importantes acordos em conferências internacionais nos anos 80 e 90, dentre eles destacam-se a Declaração de Educação Básica para Todos – crianças, jovens e adultos, na Tailândia/ 1990 no qual representou o primeiro marco, em seguida foi a V Conferência de Educação de Jovens e Adultos (V Confinteia), no ano de 1997, na Alemanha, firmando a Declaração de Hamburgo e a Agenda para o Futuro.

Apesar de a EJA já ter ganhado uma expansão maior, muitos jovens e adultos procuram depois de muitos anos retornarem aos seus estudos e infelizmente uma grande parcela por diversos fatores como, por exemplo: o ambiente escolar não ter propostas que tragam atividades pertinentes, ou que despertem interesse por ser infantilizada e não adequada ao seu público (jovens e adultos) ou por fatores de ordem sociais e financeiros, os alunos acabam perdendo o interesse em completar seus estudos, acarretando problemas maiores para a vida desses educandos como por consequência ter dificuldades de entrar no mercado de trabalho, de ter melhores oportunidades e qualidade de vida fazendo com que esses alunos não consigam romper com o ciclo da pobreza, mas ao contrário trazendo um aumento para o ciclo da pobreza.

Pensando em Educação Popular percebemos a importância de enquanto profissionais da educação conhecermos nossos alunos, sua realidade, valorizar seus saberes e criarmos estratégias para que os alunos possam suprir as suas necessidades no processo ensino aprendizagem nos capacitando em nossa prática diária, refletindo sobre as práticas de ensino usadas em salas de aula, abrangendo de forma interdisciplinar as diversas áreas do conhecimento, com embasamento teórico e destaque especial na alfabetização inicial e na alfabetização matemática com foco na educação de Jovens e adultos.

Nosso tema ensina a propormos atividades pertinentes e apropriadas para esse público, estimulando a nossa prática da reflexão, de forma a tornar o educando o principal protagonista na construção de seu aprendizado; ajudará-nos como professoras a formar “leitores” e “escritores”, capazes de buscar informações em fontes variadas e utilizar a escrita como forma de expressão/comunicação em contextos diferenciados (informações, avisos, bilhetes, cartas, registro de atividades, mensagens, relatórios, contos, poesia, etc.), e a importância de não infantilizar as tarefas aplicadas e de ter atividades que ofereçam desafios e crescimentos onde os alunos possam aprender criar, propor, analisar, e também para que eles tenham motivação e concluam seus estudos.

Infelizmente é comum vermos em salas de aula da EJA atividades como desenhos prontos para colorir, ou atividades com temáticas infantis ou memorização e textos para copiar que não diz nada para o aluno, que não tem a ver com sua realidade do seu cotidiano e que não o ajudará no dia a dia.

Entendendo a Alfabetização como direito dos alunos que por vários motivos tiveram esse direito negado, mas agora tem a possibilidade de exercer sua cidadania perante a sociedade, tendo uma melhora significativa na sua qualidade de vida, ajudando os alunos a serem críticos e reflexivos e autônomos.

O papel do professor é muito importante nesse processo de ensino aprendizagem, pois ele será o mediador, não descartando os saberes dos alunos, mas ajudando-os a saírem do senso comum, auxiliando o aluno a ter um conhecimento letrado trazendo diversidades textuais e culturais.

Nossa pesquisa estará embasada com referenciais metodológicos pesquisa empírica e bibliográfica.

Em nossa fundamentação teórica abordará propostas como de Paulo Freire, publicações IBEAC / EJA, coleção Viver, Aprender Educação de Jovens e Adultos e outros.

Em nossas pesquisas empíricas realizamos entrevistas no IBEAC (Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário) na qual a componente desta dupla de pesquisa (Miriam) foi estagiária remunerada por seis meses na equipe EJA do IBEAC, por causa disso nós (Damaris e Miriam) tivemos acesso livre a publicações, seminários com temática sobre EJA, grupos de estudos, encontros de educadores e coordenadores pedagógicos de Conselhos Comunitários que atuam na área da EJA, acesso a acompanhamentos pedagógicos em sala de aula da EJA (espaço de pesquisa cedido gentilmente pelas Coordenadoras do Projeto EJA IBEAC (Raquel e Solange)). Também realizamos entrevistas com coordenadoras pedagógicas, educadores e educandos de Conselhos Comunitários assistidos pelo IBEAC.

Em nossa pesquisa usamos registros das observações e fatos mais relevantes dos assuntos abordados.

A Pesquisa de Campo consistiu em: IBEAC/EJA, duas salas de aulas do Conselho Comunitário de Cangaíba e uma sala de aula do Conselho de Cotia, em salas divididas por nomenclatura Alfa e Pós-Alfabetização e Multisseriadas. As salas são situadas em Bairros de fácil acesso, tendo muitos educandos vindos de bairros vizinhos para poder estudar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa teve como principal objetivo investigar as práticas pedagógicas para alunos da EJA. Verificamos que as práticas pedagógicas utilizadas para os educandos da EJA devem ser diferenciadas

das utilizadas nas escolas durante os ensinos regulares, requer um trabalho diferenciado por parte dos educadores.

Os educadores da EJA devem levar em consideração os aspectos de tempo, trabalho e bagagem que esses alunos trazem. Os professores devem realizar um trabalho no qual o foco não seja o que os alunos não sabem, mas sim, o que já sabem e a partir daí desenvolverem atividades levando em conta a realidade e idade de cada um, não infantilizando suas aulas.

Concluimos que muitos educadores sabem sobre a necessidade de não infantilizar suas aulas, porém não sabem como proceder e não buscam meios de se informar/atualizar para o não fazerem, continuando assim com essas práticas em salas de aulas. Pudemos verificar que toda essa teoria de não infantilizar as aulas, que existe há décadas, continua sendo uma utopia, porque os educadores a mantêm apenas na teoria. Infelizmente a acomodação por parte dos educadores e educandos é o que mantém e faz com que não haja uma evolução no processo. Cabe aos educadores buscarem práticas pedagógicas que aproximem os saberes escolares com os saberes cotidianos de seus alunos, os desafios a serem cada vez mais superados, são enormes.

Sugerimos que sejam ampliados cursos regulares como os propostos pelo IBEAC as demais cidades, tentando assim erradicar práticas pedagógicas erradas e conseqüentemente diminuir a evasão de alunos da EJA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Coleção Viver e Aprender 1: Guia do Educador Módulos 1 e 2 Módulos 3 e 4 Módulos 5 e 6 (Ministério da Educação e do Desporto Secretaria de Educação Fundamental e Ação Educativa)

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DO HOMEM (Legislação Internacional Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948). (Artigos de 1 ao 30)

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez Editora, 1992.

INEP, **Geografia da Educação Brasileira**, Brasília: 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 18. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. Cap.6 Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: **ArtMed**, 2008 **193-257**.

Um dedo de Prosa Livro do Educador (Secretaria de Estado da Educação do Paraná Superintendência da Educação Departamento de Educação de Jovens e Adultos) Curitiba /SEED-PR/2006

Link: http://novaescola.abril.com.br/index.htm?ed/168_dez03/html/encarte - acessado de março á junho/2011

O QUE É: Reportagem da Revista Nova Escola (edição no. 168 dezembro de 2003) que aborda questões atuais da educação de jovens e adultos.

CONTEÚDOS DO SITE: Formação de professores; Participação da sociedade; Educação à distância.

DESTAQUE: O que um professor de EJA precisa saber.

Link: <http://www.ibeac.org.br/index.php> - acessado de março á junho/2011

O QUE É: O Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário – IBEAC – é uma organização não governamental fundada em 1981, por André Franco Montoro (1916-1999) juntamente com lideranças sociais e educacionais, com o objetivo de estimular a participação e autonomia de grupos, como forma de lutar pela democracia, pela garantia de direitos e transformação de realidades.



Miriam Ferreira

Pedagoga formada pela Faculdade Sumaré. Licenciatura em Arte Visual pelo Centro Universitário de Jales (UNIJALES). Pós-graduação Lato Sensu em Ensino das Artes Visuais pela Faculdade Paulista São José. Pós-graduação Formação em Educação a Distância Universidade Paulista (UNIP). Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP).

MARIA ELENA DOS S
cer na vida e estudar,
DÊSTA
O CONTRIBUTO DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO
A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER
www.primeiraevolucao.com.br



ORGANIZAÇÃO:
Vilma Maria da Silva
Manuel Francisco Neto

Filiada à:



AUTORES(AS):

- Adriana Santos Ramos
- Carla Ferraz
- Cinthia Caroline Gomes Lima de Oliveira
- Débora Miriam Bezerra de Andrade
- Faustino Moma Tchipesse
- Fernanda Xavier Fontana Oliveira
- Gisele Aparecida Padilha Vilela
- Joseneide dos Santos Gomes
- Luiz Ricardo Fueta
- Marcela Knablen de Souza
- Maria Aparecida da Silva Rocha
- Miriam Ferreira
- Natali Ricarte Cardoso
- Neiva Luiza Martins de Oliveira
- Sílvia Harue Yogui
- Pamela Cristina Alvares Araujo
- Paulo Cordeiro Leite
- Rosinalva de Souza Lemes
- Sileusa Soares da Silva
- Vilma Maximiliano Vieira

 <https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.18>



Edições
Livro Alternativo

www.primeiraevolucao.com.br

